



EDUCAÇÃO CRISTÃ E LEITURA POPULAR DA BÍBLIA: PROPONDO MEDIAÇÕES HERMENÊUTICAS

Roney Ricardo Cozzer¹

RESUMO

A Educação Cristã pode atuar como eficaz mediadora entre a leitura popular da Bíblia e a Hermenêutica, que é, simultaneamente, arte e ciência. São apresentadas aqui três bases fundamentais para que se exerça uma pedagogia eficaz nas igrejas: envolvimento, coerência na interpretação e uma didática simples/eficiente. O fazer educativo cristão requer perícia hermenêutica, mas também sensibilidade ao discente e em como ele aprende. Seus valores e sua maneira popular de ler a Bíblia precisam ser respeitados nesta interação que ocorre no ambiente cristão de ensino. Estabelecendo-se assim esta relação de respeito mútuo, o ensino muito terá a ganhar com isso. O educador e a educadora cristãos colocam-se assim como mediadores também entre as diretrizes da Hermenêutica para uma interpretação bíblica responsável e a forma viva como as pessoas se apropriam dos textos do Antigo e do Novo Testamentos pela leitura popular da Bíblia, visando construir pontes, aprimorando a percepção e, por conseguinte, a aplicação do Evangelho à vida dos discentes.

Palavras-chave: Hermenêutica; Educação; Leitura.

ABSTRACT

Christian Education can act as an effective mediator between popular Bible reading and Hermeneutics, which is both art and science. Here are three key foundations for effective church pedagogy: involvement, consistency in interpretation, and simple / efficient teaching. Christian education doing requires hermeneutic skill, but also sensitivity to the student and how he learns. Your values and your popular way of reading the Bible need to be respected in this interaction that takes place in the Christian teaching environment. Thus establishing this relationship of mutual respect, teaching will have much to gain from it. The Christian educator thus places themselves as mediators also between the Hermeneutics guidelines for responsible biblical interpretation and the living way in which people appropriate Old and New Testament texts for popular Bible reading, in order to build bridges, improving the perception and therefore the application of the Gospel to the lives of the students.

Keywords: Hermeneutics; Education; Reading.

¹ Graduado em Teologia, possui licenciatura em Pedagogia, formação em Psicanálise Clínica, pós-graduação em Psicopedagogia e mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) na linha de pesquisa Leitura e Ensino da Bíblia. Contato: roneycozzer@hotmail.com / Site: Teologia e Discernimento.



INTRODUÇÃO

A Hermenêutica não deve de forma alguma permanecer no claustro da academia teológica, por mais que esta possa parecer uma tendência natural desta disciplina teológica. Sua finalidade - interpretar corretamente as Escrituras - interessa não apenas ao exegeta profissional, mas ao homem da Igreja, ao pastor, ao líder, e ao educador cristão, inclusive. A Hermenêutica, portanto, deve preceder ao ensino e a pregação da Igreja, visando uma atitude séria e competente em relação às Escrituras e seu compartilhamento com o povo. A leitura popular que se faz da Bíblia nas diferentes confissões cristãs que existem no Brasil demanda um diálogo com a ciência e arte da interpretação bíblica, por mais simples que seja a maneira como ocorra esta leitura. O intérprete não deve deixar de ser sensível ao povo, que acumula noções à respeito da mensagem bíblica, e para quem esta mensagem bíblica se dirige. A Bíblia não deve ser entendida como propriedade de uma elite intelectual, ou de um colegiado de estudiosos, mas como um bem acessível ao homem comum, que dela se aproxima buscando orientação e consolo para suas aflições. O presente artigo busca correlacionar estes três fazeres: Hermenêutica, leitura popular da Bíblia e Educação Cristã. Se a Hermenêutica se preocupa com o sentido correto do texto, e se a leitura popular da Bíblia aproxima o sujeito deste texto, a Educação Cristã refina a compreensão e a aplicação dos preceitos que são extraídos da mensagem religiosa das Escrituras para a vida das pessoas. O educador cristão pode e deve recorrer à Hermenêutica para melhor desenvolver seu trabalho de comunicar os valores bíblicos, por meio de princípios e noções que são fornecidos pela ciência da interpretação bíblica, o que possibilita assim uma aplicação que seja fiel ao texto bíblico.

1. HERMENÊUTICA: ARTE, CIÊNCIA OU OS DOIS?

A interpretação bíblica encerra em si estas duas características muito interessantes: ela é tanto técnica e refinada em seus métodos para se chegar ao sentido do texto bíblico, como também se apresenta como arte, uma vez que requer sensibilidade do intérprete no processo investigativo do texto, além da empatia pelo valor do significado da mensagem. A Hermenêutica necessita de fato ser um labor artístico, dada a beleza literária presente nos livros da Bíblia e em como a sua mensagem reflete na vida das pessoas. Com efeito, Paul Ricoeur (2013) comenta que embora o papel maior da literatura, por meio dos seus variados gêneros literários, como o poético, seja o de destruir o mundo, "não há discurso de tal forma fictício que não vá ao encontro da realidade"². Estes textos refletem culturas, crenças milenares e valores que orientam para a vida, além de sua relação com temas vitais da vida humana como a prosperidade, a presença do mal no mundo, a justiça entre as pessoas, o destino do homem, dentre outros. Assim, o hermeneuta é alguém preocupado com a vida concreta e em como os textos bíblicos incidem sobre o *modus vivendi* delas. Necessita ser assim artista e cientista, pois lida diretamente com uma arte e um monumento da intelectualidade humana, a Bíblia Sagrada que, não por acaso, tornou-se o mais traduzido e o mais lido no mundo inteiro.

A arte enquanto manifestação da inventividade e criatividade humana, contribui diretamente para a preservação da cultura e também do pensamento. A Bíblia, neste quesito, se encaixa perfeitamente. Ela registra, por exemplo, a sabedoria dos antigos hebreus, manifesta nos livros de sabedoria ou "livros sapienciais". Emprega em abundância figuras de linguagem e faz uso notório de símbolos, numa quantidade que impressiona. W. McNeile, professor de literatura inglesa da Universidade Glasgow, comentando a riqueza das figuras de linguagem bíblica, afirma:

Se me perguntassem qual foi a maior força utilizada na formação da história [...] eu responderia [...] a linguagem figurada. Os homens vivem pela imaginação; a imaginação governa nossas vidas. A mente humana não é um foro de debates, como querem os filósofos, mas sim uma galeria de arte [...] Elimine as metáforas (ou seja, a linguagem figurada) da Bíblia e seu espírito

² RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e ideologias*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p 65.

vivo se dissipará [...] Os profetas, os poetas, os líderes são todos mestres da metáfora, e com ela cativam a alma humana.³

De fato, aproximar-se de toda esta beleza presente no texto pautando-se apenas pelo crivo tecnicista da Hermenêutica e da Exegese, seria, por assim dizer, um erro hermenêutico, visto que a própria ciência interpretativa da Bíblia reconhece sua beleza. O trabalho de interpretação, portanto, requer mais do que perícia - conquanto isso seja fundamental - exige também a habilidade de ser tocado hoje por aquilo que tocou o hagiógrafo sagrado num passado distante. A Palavra é uma mensagem viva, poderosa e dinâmica para o homem contemporâneo. Como ler o verso um do Salmo 42 e não notar ali uma beleza artística de grande riqueza, ou ainda a profunda oração de Romanos 11.32-36 onde se pode ver uma belíssima alternância de exclamações e indagações que concluem com uma afirmação, e não perceber sua beleza estilística que salta à vista? O que se pretende demonstrar aqui é que uma leitura da Bíblia que não considere-a enquanto literatura e arte, simultaneamente, certamente será reducionista e falha na correta interpretação de sua mensagem. Roy B. Zuck (1994) cita Milton S. Terry:

Assim, a hermenêutica é tanto ciência como arte. Na qualidade de ciência, enuncia princípios, investiga as leis do pensamento e da linguagem e classifica seus fatos e resultados. Como arte, ensina como esses princípios devem ser aplicados e comprova a validade deles, mostrando o valor prático que têm na elucidação das passagens mais difíceis. Portanto, a arte da hermenêutica desenvolve e constitui um método exegético válido.⁴

Ainda que se reconheçam os diversos distanciamentos que separam o intérprete atual do autor do texto bíblico⁵, ainda sim essa distância pode ser diminuída por meio do esforço para se aperceber do conteúdo presente naquela dada mensagem bíblica. Mas aqui se nota a necessidade dos recursos científicos da Hermenêutica, uma vez que o olhar pelo viés artístico pode ser embaçado pela sobrecarga de emoção que se pode extrair da leitura do texto. Não por acaso Deus proveu o homem de razão e emoção, mente e coração. É a complementaridade entre

³ ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 167.

⁴ TERRY, Milton S. **Biblical hermeneutics**. 2ª ed. Grand Rapids, Zondervan. in: ZUCK, 1994, p. 21.

⁵ Para mais sobre distanciamentos hermenêuticos, cf.: LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, pp. 23-29.

a frieza da ciência e o calor da arte que contribuirão diretamente para que se chegue ao sentido do texto bíblico. A visão artística impede que se ignore o elemento estético presente na Bíblia, ao passo que a visão científica não permite que se construam interpretações equivocadas baseadas unicamente em símbolos estilísticos.

À guisa de exemplo, e com vistas à tornar prático o que se pretende aqui comunicar, pode ser citado o caso do uso da poesia no Antigo Testamento, que é recorrente e está também para fora dos limites dos "livros poéticos"⁶, propriamente ditos. Os textos poéticos veterotestamentários são de uma beleza ímpar, mas encerram por vezes estruturas literárias complexas e empregam figuras de linguagem que dão vivacidade ao texto de uma forma deslumbrante, como no caso de onomatopéias e apóstrofes. Em Jó 9.26, por exemplo, encontra-se o exemplo de uma onomatopéia onde o som de um verbo hebraico presente na frase imita o som da águia (ou falcão peregrino) no momento em que se lança sobre a presa a uma elevada velocidade.

Como exemplo de complexidade literária presente nos textos poéticos do Antigo Testamento pode ser citado o caso dos acrósticos alfabéticos, mormente o do Salmo 119. Este salmo contém 22 seções com oito versos cada, onde cada seção é representada por uma letra do alfabeto hebraico e onde cada verso inicia com a respectiva letra hebraica que representa aquela seção. Acredita-se que uma das finalidades do acróstico alfabético era facilitar a memorização do texto.

2. A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA.

A leitura popular da Bíblia mantém um estreito contato com a compreensão da Bíblia como uma obra de arte. Se a Hermenêutica sendo vista como arte tem justamente como função maior aplicar os textos à vida, a leitura popular da Bíblia cumpre bem este papel e aqui se encontra com a Hermenêutica. Uma de suas principais preocupações é justamente pensar os textos bíblicos como meios de clarear os caminhos da vida. Dito de outra forma: a leitura bíblica feita pelas diferentes comunidades cristãs serve de orientação para a vida com todas as suas

⁶ Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão.



nuances e dificuldades. Num certo sentido, isto rompe com o significado hermenêutico-exegético dos textos bíblicos, já que os leitores originais da Bíblia (aqueles para quem os textos foram escritos em primeira mão) viviam uma realidade bem diferente daquela dos leitores contemporâneos. Ainda que se mantenha alguma relação, evidentemente, ocorre assim uma contextualização. Ou por que não dizer, a interpretação destes textos assume um papel essencialmente prático. Comentando o livro **A teoria da interpretação** de Paul Ricoeur, Moisés Silva e Walter C. Kaiser Jr. afirmam:

Uma vez que os textos foram escritos, seus significados não são mais determinados pela compreensão que os leitores originais tinham desses mesmos textos. Cada público subsequente pode ler agora sua própria situação no texto, pois um texto, diferentemente da fala, transcende suas circunstâncias originais. As novas leituras não são em nada menos válidas. Elas não devem ser completamente contraditórias à compreensão do público original, mas podem ser diferentes, mais ricas, ou mais empobrecidas.⁷

Na leitura popular da Bíblia ocorre um verdadeiro "esforço natural" para que se estabeleça uma conexão entre a vida e a Palavra de Deus. Não por acaso cresce o número de escolas e institutos teológicos no Brasil e também aumenta consideravelmente a quantidade de

⁷ SILVA, Moisés. KAISER Jr, Walter C. **Introdução à Hermenêutica Bíblica: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época**. Trad.: Paulo César Nunes dos Santos. Tarcízio José Freitas de Carvalho e Suzana Klassen. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 30.



faculdades de teologia⁸. Esse crescimento⁹, evidentemente, é reflexo deste interesse das pessoas pela compreensão da Bíblia. As admoestações e exortações bíblicas, bem como as narrativas, passam a ter uma aplicação para o contexto atual. Noutra mão, esta aplicação acaba por tornar a leitura popular da Bíblia também uma necessidade, já que diante das demandas e vicissitudes da vida as respostas podem ser encontradas nas "páginas sagradas", essa leitura precisará sempre ser refeita.

É preciso destacar ainda o fato de que a experiência religiosa vivida pelo povo encontra seus ecos na mensagem da Bíblia. Os personagens da Bíblia passam a ser vistos como paradigmas, exemplos a serem seguidos, ainda que sejam homens e mulheres que tenham vivido num tempo e em circunstâncias bem distintas do sujeito pós-moderno que se achega hoje aos textos do Antigo e do Novo Testamentos. Entender essa relação das pessoas com a Bíblia é importante, pois permite que se desenvolva uma Hermenêutica que seja fiel à seus próprios cânones, mas que não seja ao mesmo tempo insensível às necessidades do indivíduo que interpreta, ainda que a seu modo, a mensagem da Bíblia. O lado mais tecnicista da interpretação da Bíblia geralmente não interessa à grande maioria das pessoas, que buscam, por meio de uma leitura simples e direta, consolo e orientação nos livros bíblicos. Pode ser destacado aqui um grande problema do Método Histórico-Crítico, que por sua vez, abarca diversas críticas e modos

⁸ Evidentemente, esse crescimento não se dá na mesma proporção do crescimento das igrejas, especialmente no contexto do Movimento Pentecostal que não investe tanto na criação de escolas e seminários de teologia como investe na plantação de novas congregações (cf.: MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*, v. 8, n. 1, dez. 2008, p. 68-95. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf> Acesso em 03 jul. 2017. E é válido destacar ainda, embora não seja este o escopo deste trabalho, que este crescimento também apresenta sérios desafios no que tange à qualidade da formação de pastores, como bem indica Fernando Bortolotto Filho: "Num contexto de explosão neopentecostal, as Igrejas históricas preocupam-se com o crescimento (na verdade, com a falta dele). O crescimento do número de novas comunidades locais não acompanha o crescimento do número de formandos dos seminários e faculdades de teologia. Algumas vezes, chega-se ao cúmulo de dizer que a Igreja precisa crescer a fim de "empregar" os pastores que estão em disponibilidade. Muitas vezes, isso é fruto de anos de cultivo de uma reduzida visão sobre o sentido do ministério cristão.

Os horizontes para as instituições que insistem bravamente em oferecer formação sólida e de boa qualidade não são animadores. Contudo, não podemos embarcar nessa onda de formação para um "ministério de sucesso". É fundamental continuar formando pessoas capacitadas para olhar criticamente o momento atual, buscando entendê-lo à luz da Palavra de Deus, que deve ser interpretada de maneira competente e séria" (FILHO, Fernando Bortolotto. Horizontes e dilemas da formação teológica protestante no contexto brasileiro hoje. In: HOCH, Lothar Carlos. STRÖHER, Marga Janete. WALCHHOLZ, Wilhelm. (orgs.). *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 78).

⁹ Para exemplificar o crescimento entre católicos, veja: SOUZA, André Ricardo de. *Igreja in concert: padres cantores, mídia e marketing*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005, p. 90.

BONA CONSCIENTIA

Revista interdisciplinar de teologia, filosofia, sociologia e ciências da religião



de interpretação exegetico-bíblica, como a Crítica da Forma, Crítica da Redação e Crítica das Fontes, que em geral são bem racionalistas e acabam por rejeitar o elemento sobrenatural presente nas Escrituras, que por sua vez está intimamente relacionado ao elemento religioso e devocional. Em geral, o povo se aproxima das Escrituras encarando-a como livro religioso que revela o amor e a graça de Deus aos homens, inclusive por meio de seus milagres e eventos portentosos. Essa leitura, no entanto, acaba sendo vista como retrógrada e ultrapassada por aqueles que estão na esteira do Método Histórico-Crítico que, geralmente, considera milagres como descrições "religiosas" de fatos verificáveis pela ciência¹⁰. Em outras palavras, os escritores bíblicos teriam dado uma espécie "roupagem religiosa" a fatos que em essência, não foram milagres reais. Tal forma de compreender a Bíblia, evidentemente, refletirá nas comunidades eclesiais onde se ensina a Palavra. Esta visão às vezes é apresentada, inclusive, como superior em detrimento da convicção presente na leitura popular da Bíblia. O resultado é um apartamento que impede a comunicação da mensagem de Deus, presente na Bíblia, pelas vias do senso comum, com suas nuances e particularidades na interpretação da Bíblia. Carlos Mesters, condena a postura arrogante daqueles que pautados pelo viés racionalista "ensinam de cima" usando em sua crítica a figura da cegonha: "O agente da pastoral não é cegonha, mas é parteiro. A cegonha traz a criança prontinha, enquanto o parteiro não traz nada pronto, mas faz nascer o que já existe em gestação dentro do povo"¹¹. Há uma necessidade de respeito à maneira como as comunidades eclesiais assimilam o texto bíblico, com ele se relacionam e como se lêem a si mesmos pela Bíblia. Esta relação, indubitavelmente, se dá mediada pelo Espírito Santo, fiel intérprete da Bíblia no coração das pessoas. O povo, conforme escreveu o exegeta Uwe Wegner, "embora não tenha formação teológica acadêmica, tem saber teológico e, independentemente dos exegetas, interpreta os textos bíblicos a partir de sua experiência de fé

¹⁰ Rudolf Bultmann, por exemplo, sinaliza no sentido de que o Cristianismo, para ser bem compreendido, precisa ser lido sobre uma base empírica, mas visto sob a ótica subjetiva do historiador. Precisa-se assim buscar a "ideia" do Cristianismo, isto é, qual é de fato a autêntica relação entre Cristianismo e História, em suas palavras. E essa subjetivação pode não coincidir com a História literalmente. Aqui é possível notar os reflexos do pensamento do autor manifesta em seu programa de demitologização que rejeitou os milagres do Novo Testamento. Cf. BULTMANN, Rudolf. **Crer e compreender**: ensaios selecionados, ed. rev. ampl. Trad.: Walter Schlupp. Walter Altmann. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 385ss.

¹¹ MESTERS, Carlos. **Flor sem defesa**: uma explicação da Bíblia a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 166.



dentro da sua vida diária"¹². Aqui reside, certamente, uma das maiores contribuições da leitura popular da Bíblia: a percepção de que a Bíblia não é propriedade de uma elite intelectual treinada para interpretá-la; ela é um "bem" disponível ao homem do campo, ao trabalhador da indústria, ao estudante, ao sujeito comum. Isso não quer dizer, é claro, que a Hermenêutica e a Exegese, enquanto ciências aprimoradas de interpretação bíblica, não tenham seu valor. É preciso que se estabeleça, pois, uma "ponte" entre o técnico e o popular. O homem sem treinamento teológico numa atitude de abertura às contribuições da Hermenêutica e da Exegese, e o hermeneuta e o exegeta sensível à maneira como o povo lê a Bíblia, permitem que se abram horizontes dialogais com vistas a estabelecer uma melhor compreensão bíblica. Outra vez, colhe-se aqui contribuições em Wegner:

Há, apesar dessas convergências, uma diferença básica entre exegese e leitura popular da Bíblia: enquanto que a leitura popular é um exercício de interpretação eminentemente prático, direcionado para descobrir a mensagem dos textos para o hoje da fé e do discipulado, a tarefa do exegeta consiste prioritariamente em desvendar o sentido que tinha o texto para o local, a época e as comunidades em que foi formulado pela primeira vez. Esse condicionamento do exegeta exigirá do mesmo - dentro de um trabalho científico *acadêmico* - a comprovação de suas afirmações, a apresentação de argumentos e a fundamentação das opiniões emitidas.¹³

Esse intercuro entre estes saberes permite levantar uma importante reflexão em torno da relação entre fala e escrita. Ricoeur (2013) insiste em que o significado de um texto, no hoje, mantém certa distância com aquilo que o autor deste texto quis dizer de fato. A isso o autor chama de autonomia e no caso da relação tratada neste discurso tal fato pode ser claramente percebido. O que se compreende por meio da leitura popular da Bíblia por vezes não corresponde fielmente ao que ao autor bíblico realmente quis dizer, mas nem por isso se encontra aqui total ruptura neste sentido. Trata-se, pois, de uma autonomia não autônoma, já que se mantém firmemente a preocupação com o sentido real do texto, sobre o qual se fundam convicções, rituais e dogmas. Ricoeur comenta: "[...] o texto deve poder, tanto do ponto de vista

¹² WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998, p. 24.

¹³ WEGNER, 1998, p. 24.



sociológico quanto do psicológico, descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa nova situação: é o que justamente faz o ato de ler"¹⁴. Ricoeur vê este distanciamento como constituinte do processo interpretativo, e isso permite assim compreender que objetivação e interpretação constituem "uma relação muito menos dicotômica e, por conseguinte, muito mais complementar"¹⁵. O que poderia ser então visto como problema passa a ser encarado como caminho para se compreender o texto no agora. A leitura popular da Bíblia, vista sob este viés, não constitui, necessariamente, uma forma sincrônica e/ou anacrônica de se apreender os conteúdos bíblicos no sentido de se adulterar estes conteúdos. Antes que esta acusação seja firmada, é preciso, pois, refletir na proposta de Ricoeur.

3. A RELAÇÃO ENTRE LEITURA POPULAR DA BÍBLIA E A EDUCAÇÃO CRISTÃ COM APORTES HERMENÊUTICOS.

A Educação Cristã tem a grande inclinação de melhor ensinar a Bíblia ao povo nas diversas comunidades cristãs justamente por se dar em seu ambiente, em seu contexto. Ela não fala "de"; ela fala "em". E por mais que ela possa buscar auxílio em livros e teorias de aprendizagem, terá sempre como campo principal de estudos a própria prática docente. Ela tem as suas especificidades, sendo uma delas a ênfase num processo de ensino e aprendizagem que tem por objetivo último conduzir o sujeito a Deus, como bem observa Edson Lopes:

É salutar entender que a educação cristã não está restrita ao conhecimento bíblico dominical de determinada comunidade, mas ela possui a importante tarefa de mostrar que o conhecimento **real ou verdadeiro procede de Deus e tem sua causa última nele**; com isso, explicita que essa é a educação que permite ao homem de fato conhecer Deus, a si mesmo e ao mundo, o que resulta na glorificação a Deus. É óbvio que somente a abordagem cristã da educação terá condições de cumprir essa finalidade".¹⁶

¹⁴ RICOEUR, 2013, p. 62.

¹⁵ RICOEUR, 2013, p. 63.

¹⁶ LOPES, Edson. *Fundamentos da educação cristã*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010, pp. 109,10 (grifo meu).



Não deve causar estranheza o fato da Educação Cristã possuir suas especificidades, pois é justamente isso que a torna "cristã". Lois E. Lebar, educadora cristã, critica o fato de os educadores cristãos se contentarem em buscar aporte nas diversas teorias educacionais desenvolvidas pelos vários teóricos, e destaca ainda que "os educadores seculares não enfatizam a inigualável revelação da Palavra de Deus que é comunicada pelo Espírito. Nosso conteúdo especial pede por um tratamento especial"¹⁷.

Neste terceiro e último tópico, serão apresentadas três bases fundamentais para que se possa praticar a Educação Cristã sabendo combinar os "instrumentos" de interpretação fornecidos pela Hermenêutica com a leitura popular da Bíblia sem, contudo, descaracterizá-la. São eles: envolvimento, coerência na interpretação e uma didática simples/eficiente.

3.1. ENVOLVIMENTO

O que na Educação Geral pode não funcionar tão bem, no ambiente pedagógico cristão é até mesmo essencial. O envolvimento professor(a) e aluno(a) é um exemplo. O professor e a professora de Escola Dominical, por exemplo, devem ser pessoas de fato interessadas em seus aprendizes. Com este pressuposto em tela, neste ponto do presente artigo, não se infere que o relacionamento entre docente e discente na Educação Geral não seja relevante e até mesmo necessário, mas por circunstâncias variadas nem sempre isso é de fato possível. Baixos salários, excesso de alunos(as) em classe, falta de recursos¹⁸, etc., são fatores que tem levado muitos profissionais da Educação a se verem por vezes desmotivados e muitos há que tratam sua atividade apenas como cumprimento de carga horária, e não como uma causa para a vida¹⁹.

¹⁷ LEBAR, Lois E. **Educação que é cristã**. Trad.: James Monteiro dos Reis. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 22.

¹⁸ Uma pesquisa feita com professores brasileiros revelou que "45% dos professores entrevistados nunca tiveram a oportunidade de conhecer um museu ou foram somente uma vez, 40% nunca assistiram a uma peça teatral, 25% jamais foram ao cinema e, por fim, em plena revolução técnico-científica-informacional, aproximadamente 60% dos professores não têm acesso à internet e não possuem correio eletrônico" (CONCEIÇÃO, José Luís Monteiro. **O despreparo dos professores**: um ensaio sobre um dos problemas que afeta o processo ensino-aprendizagem dos educandos. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0294.html>> Acesso em 03 jul. 2017).

¹⁹ O autor do presente artigo, em seu período de estágio em escola pública no curso de Complementação Pedagógica em História, pôde constatar isso de forma pessoal, ao ouvir de um dos professores frases como a que se segue: "Vou fazer meu mestrado para não precisar dar mais aula para esses pirralhos".



Gabriel Chalita (2001) comentando sobre a possibilidade levantada por alguns de que o computador substituirá o professor, contra-argumenta afirmando que nessa relação sujeito e máquina "falta a emoção humana, o olhar atento do professor, sua gesticulação, a fala, a interrupção do aluno, a construção coletiva do conhecimento, a interação com a dificuldade ou facilidade da aprendizagem"²⁰.

Este envolvimento abre importantes fronteiras para o processo de ensino-aprendizagem. Permite conhecer as vicissitudes que envolvem os alunos e alunas, bem como suas potencialidades e à partir desta percepção, a tomada de medidas que permitam um programa educacional mais eficiente que se adéque à maneira como o educando aprende. A empatia é, neste sentido, uma ferramenta pedagógica. Chalita (2001) insiste em que "o mestre tem de ser o referencial, o líder, o interventor seguro, capaz de auxiliar o aluno em seus sonhos, seus projetos"²¹.

Este envolvimento, evidentemente, precisa respeitar limites de âmbito social, emocional, éticos e religiosos também. Mas realizado com equilíbrio pode trazer importantes contribuições para que se exerça com eficácia a Educação Cristã. Esta relação é resultado de um processo, algumas vezes longo, construído sobre bases de amor e respeito ao próximo que, neste caso, é o discente. Ensinar consiste em levar o educando a aprender baseado em verdades que aprendeu anteriormente, mas isso só é possível se o professor ou a professora souber quais são as verdades conhecidas por seus alunos e alunas. Questões como estilos de aprendizagem, desenvolvimento mental, realidade social, cosmovisão e perspectivas quanto ao que está sendo ensinado só poderão de fato ser verificadas se houver algum tipo de relação entre professor e aprendente. Pode haver resistência ao que aqui se propõe (ou simplesmente se constata) em nome de uma separação entre o profissional e o pessoal. Chalita, no entanto, é categórico: "Não há como separar o ser humano profissional do ser humano pessoal"²². Como dito acima, este envolvimento reconhece os limites e deve procurar respeitá-los na mesma proporção em que o fomenta, tendo em vista seus benefícios. E cumpre ainda destacar o fato de que justamente por sempre estar presente o ser humano ao mesmo tempo em que está presente o profissional no

²⁰ CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001, p. 164.

²¹ CHALITA, 2001, p. 164.

²² CHALITA, 2001, p. 165.

processo educativo, é preciso que se busque equilíbrio entre estes dois aspectos. Diversos fatores permeiam, inclusive, esse intercuro entre ensinador e aluno, fatores como temperamento, as sensações que se manifestam no ambiente escolar, as emoções, as inclinações e aptidões pessoais, dentre outros.

3.2. COERÊNCIA NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

O esforço para se interpretar as Escrituras corretamente pode incorrer em graves erros e isso por variadas razões. De partida, pode-se considerar o fenômeno da *eisegese* em que o leitor introduz no texto bíblico o significado pretendido por ele mesmo. Conquanto se reconheça a dinamicidade da relação entre o texto e o intérprete atual, conforme percebido por Ricoeur, isso não indica ou não significa ruptura total com o sentido pretendido pelo hagiógrafo. É preciso perceber os distanciamentos hermenêuticos presentes naquela referida passagem bíblica ou mesmo livro para que se possa assim chegar ao que de fato foi comunicado ali. Deste modo, o intérprete precisa se despir de seus preconceitos e de sua carga cultural para que possa ouvir a mensagem bíblica apesar de toda a bagagem cultural que ele próprio carrega consigo. A *eisegese* representa também um perigo para a Educação Cristã, visto que a compreensão equivocada que ela produz será repassada aos educandos e estes também refletirão essa maneira incorreta de entender essa ou aquela passagem bíblica. Wegner (1998) alerta para alguns perigos presentes na leitura da Bíblia, como a dependência do saber de outros intérpretes que acaba por gerar complexos de ignorância limitando assim a aprendizagem da mensagem da Bíblia. Cita ainda a dependência da ideologia dominante, o estudo sem fé e sem comprometimento com a comunidade e o estudo individualizado²³. É geralmente neste estudo individualizado que ocorre a *eisegese* que não poucas vezes representa assim uma forma particular de entender a Bíblia.

O relativismo marcante da pós-modernidade é também uma forte ameaça à correta interpretação da Bíblia, visto que quando aplicado à leitura dos textos bíblicos acaba por conduzir à privatização do saber em relação àquele dado objeto. O relativismo nada mais é do

²³ WEGNER, 1998, p. 25.



que a particularização da verdade. Pode ser visto também como uma forma de estudo individualizado das Escrituras e até alienante, visando justificar crenças próprias e tirando assim o caráter instrutivo da Bíblia. Kevin Vanhoozer (2005), comentando sobre a presença e o uso da Hermenêutica na pós-modernidade, traz à tona justamente a questão do relativismo moral presente na maneira das pessoas interpretarem os textos atualmente:

Por trás das diversas teorias e práticas de interpretação textual ocultam-se questões filosóficas maiores. De fato, implícitas na questão do significado, estão questões sobre a natureza da realidade, a possibilidade do conhecimento e os critérios para moralidade. Pode não ser, de forma alguma, óbvio que uma pessoa esteja assumindo uma posição ao pegar um livro e começar a ler, mas vou argumentar que é isso o que, de fato acontece. Se realmente existe ou não alguma coisa "lá" no texto, isso é uma questão da "metafísica" do significado. De forma semelhante, ler implica algumas crenças sobre ser ou não possível entender um texto e, em caso afirmativo, como isso acontece. Se há ou não alguma coisa que deva ser conhecida nos textos, é uma questão da "epistemologia" do significado. Por fim, ler suscita questões sobre quais obrigações, se é que existem, recaem sobre o leitor das Escrituras ou de qualquer outro texto. O que os leitores fazem com o que está no texto suscita questões relacionadas à "ética" do significado. Juntos, esses três tópicos originam uma questão correlata. "O que é ser humano, um *agente* do significado?"²⁴

A Hermenêutica assumiu, nas últimas décadas, uma importância vital, tendo saído dos limites da Teologia e entrado na Filosofia e em outras áreas do conhecimento humano, conforme indicado por Vanhoozer no texto acima. Jacques Derrida, por exemplo, conhecido pelo seu célebre método do desconstrutivismo, que atribui à Hermenêutica uma leitura filosófica e acaba por conduzir à um esvaziamento do sentido, já que atribui ao intérprete o significado do texto. Na Exegese pautada pelo Método Histórico-Gramatical o sentido de uma expressão reside na História e na estrutura gramatical. Dito de outra forma, não é precipitado afirmar que, num certo sentido, a palavra deve ser entendida como um "evento histórico", o que significa dizer que a palavra deve ser compreendida dentro de um contexto específico, em termos históricos e culturais, que inevitavelmente influenciaram o hagiógrafo bíblico na produção

²⁴ VANHOOZER, Kevin J. *Há um significado neste texto? Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos*. Trad.: Álvaro Hattner. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 24.

daquele dado texto. Esta tendência pós-moderna de atribuir ao leitor/intérprete o sentido da passagem pode comprometer seriamente a chegada ao que de fato a Bíblia está comunicando. O desafio maior da Hermenêutica é ser fiel ao que o texto quis comunicar no passado e como esse sentido primário pode ser aplicado ao homem/mulher do século 21. O ponto final do trabalho do exegeta que se pauta pelo Método Histórico-Crítico é justamente aplicar na concretude da vida da Igreja o que foi descoberto pela pesquisa hermenêutica.²⁵

3.3. DIDÁTICA SIMPLES/EFICIENTE

De nada vale todo o cabedal de conhecimento adquirido no que tange aos princípios de interpretação se eles não forem usados na preparação da aula, e por conseguinte, os resultados obtidos pelo educador cristão não puderem ser compartilhados de forma eficaz. O papel da Educação Cristã é, em essência, hermenêutico. Ela busca transpor para a vida do discente os valores e verdades contidos na Bíblia. Nisto se vê a importância do trabalho hermenêutico atrelado à Educação Cristã. A Hermenêutica deve sempre mediar e refinar o trabalho pedagógico cristão, produzindo assim uma leitura popular da Bíblia que seja ainda mais fiel à mensagem do Evangelho, isso fazendo através dos "instrumentos" fornecidos por ela mesma.

A Didática cumpre papel importante em todo este processo. Para simplificar o que foi proposto até aqui, no presente artigo: pela Hermenêutica, o educador cristão pesquisa e compreende adequadamente a mensagem bíblica; pela Educação Cristã ele transmite o que foi assimilado pela pesquisa hermenêutica, o que por sua vez refletirá na leitura popular que se faz da Bíblia que, por sua vez, incide diretamente na vida das pessoas. A Didática está posicionada justamente como uma "via expressa" entre o conteúdo bíblico e os educandos. Entender a função e o papel da Didática, portanto, é essencial para o professor e a professora no ambiente de ensino cristão.

Quando se fala em Didática, logo se pensa em como se ensina, e se o professor ou professora em sala de aula é bem sucedido em seu trabalho, os alunos logo comentam: "O

²⁵ Cf. KUNZ, Claiton André. **Método histórico-gramatical**: um estudo descritivo. Disponível em: <http://portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/metodo_historico-gramatical.pdf> Acesso em 07 jul. 2017.



professor tem boa didática". No senso comum, ter boa didática é ter habilidade para comunicar com eficácia os conteúdos de uma dada área do saber. Tendo em vista que o processo educativo é um elemento presente nas diversas esferas sociais, conforme assinala José Carlos Libâneo (2013, p. 24), a didática como parte deste processo educativo precisa ser seriamente considerada no espaço cristão. A Didática, pensada como ramo da Pedagogia, faz parte de um conjunto de estudos, conjunto este que permite uma sistematização da prática do ensino e que perpetua assim a educação na sociedade. Libâneo (2013, p. 25) afirma que a Didática "é o principal ramo de estudos da Pedagogia". Ela está preocupada com a consecução do ensino e em como torná-lo mais eficaz. Ela busca ainda criar elos entre o ensino e a aprendizagem. Isto requer, evidentemente, uma formação continuada por parte do professor, até para que ele se mantenha atualizado das novas contribuições que vão sendo trazidas pela pesquisa no campo da Pedagogia. Tal esforço deve existir também entre educadores cristãos e considerando-se as especificidades da Educação Cristã²⁶, deve ser pensada também uma "Didática cristã", que vise adequar-se ao ambiente educacional eclesial, onde ocorre o magistério cristão. Não se trata, necessariamente, de algo totalmente inovador, mas de uma didática contextualizada, na verdade. Essa especificação da didática para o ambiente cristão pode ser percebida por fatores diversos e tem razão de ser, mesmo que se esteja pensando a educação em termos religiosos. Como bem observa Carvalho (2015, pp. 64,65), a Educação Cristã, conquanto seja uma forma de educação religiosa, não é necessariamente educação religiosa em sentido único, visto que o Islamismo, o Budismo, o Judaísmo e outras religiões tem seus modos de ensinar. A despeito de todo esse cabedal teórico que precise ser considerado para que se pratique uma Didática específica para o contexto cristão, não se pode perder de mira o fato de que essa forma de didática tem um viés eminentemente prática. O que se pretende é construir, através de aportes teóricos, em diálogo com a realidade específica do ambiente eclesial, uma didática que seja simples e eficiente.

Vários autores que versam sobre Educação Cristã indicam variados caminhos para a melhoria do ensino cristão, ou seu aprimoramento. Destacam-se pelo menos três aqui que são essenciais para a construção dessa Didática que seja simples e eficiente para o ensino no

²⁶ Como a sua base bíblico-teológica, sua centralidade na pessoa de Cristo, sua linguagem própria, dentre outras.



cristianismo. **O primeiro caminho é o emprego de uma linguagem comum**, pois conforme bem assinalou no passado John Milton Gregory, "a linguagem usada no ensino deve ser comum ao professor e ao aluno"²⁷. A linguagem é assim o veículo ou meio pelo qual o conhecimento chega ao aprendente. Por meio da linguagem o sujeito se conecta com o mundo à sua volta, sendo, portanto, uma forma essencial de interagir com o mundo, sendo moldado por ele e moldando também a sociedade à sua volta. E aqui cabe um cuidado essencial no sentido de que o professor e a professora procurem adaptar sua linguagem, já que ela em geral é superior à do discente. Esta comunicação precisa ser comum ao educador e ao educando. **O segundo caminho é ter claro os objetivos do ensino**. Perguntar onde se deseja chegar com o conteúdo ensinado é uma necessidade da construção do fazer pedagógico cristão. Se não estiver claro na mente do educador quais são seus objetivos, sua aula, ou suas aulas, ficarão sem direção, sem um "norte". Aqui podem ser arrolados também os métodos de ensino, que servem como caminhos para que se alcancem estes objetivos. E é válido ressaltar ainda que sem os objetivos em mira, não há como se estabelecer quais métodos poderão de fato ser usados para aquele dado contexto. "É impossível selecionar meios eficientes de ensino sem estabelecer previamente os objetivos"²⁸. E por fim, **o terceiro caminho a se seguir para o desenvolvimento de uma didática que seja simples e eficiente é ensinar com vistas à prática, sempre**. Ensinar para a vida é a tarefa do educador e da educadora cristãos. Correlacionar o ensino é um modo de torná-lo prático; correlacioná-lo em termos conceituais, como por exemplo, a lição atual ministrada à partir da lição anterior²⁹. Mas esta correlação é também vinculada à vida, ao dia a dia do aprendiz. O conhecimento vai sendo construído gradualmente pelo sujeito justamente por meio de paralelos. Ele encontra, compara, aplica e questiona o que lhe chega pelos sentidos. Pensar uma Didática cristã que foque em todos estes aspectos é necessário para a melhor realização do trabalho pedagógico cristão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

²⁷ GREGORY, John Milton. *As sete leis do ensino*. 2ª ed. Trad.: Luciana Alves. Rio de Janeiro: 2008, p. 41.

²⁸ TULER, Marcos. *Manual do Professor de Escola Dominical*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 76.

²⁹ Gregory comenta que "a verdade a ser ensinada deve ser aprendida através de alguma verdade já conhecida" (GREGORY, 2008, p. 49).



Os princípios e ferramentas da Hermenêutica devem estar na base de preparação do educador e da educadora cristãos, e isso deve se tornar algo comum, tendo em vista os resultados positivos que isto trará para a leitura popular que o aprendente faz da Bíblia e em como ele a aplica a sua vida pessoal e comunitária. No caso dos educandos mais jovens, isto é ainda mais sério, visto que decisões importantes, que refletirão em toda a sua vida, são tomadas a partir deste ambiente vivencial marcado pela leitura e ensino da Bíblia. O professor cristão, a professora cristã, devem ter em mente sempre que uma aula não é só "uma aula". Devem encará-la como "a aula", ainda que ela ocorra todos os domingos na Escola Dominical, ou uma vez por semana, ou todos os dias da semana. Esta preparação, permeada por princípios hermenêuticos, não deve ser mecanicista, fria, desprovida de devoção. O que ensina as Escrituras deve depender do Espírito Santo que ensina, Ele próprio, a Palavra de Deus aos corações e os fazer conectar-se profundamente com ela. Sem o Espírito Santo, a Educação Cristã certamente deixará de ser cristã.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, César Moisés. **Uma pedagogia para a Educação Cristã**: noções básicas da Ciência da Educação a pessoas não especializadas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001.

CONCEIÇÃO, José Luís Monteiro. **O despreparo dos professores**: um ensaio sobre um dos problemas que afeta o processo ensino-aprendizagem dos educandos. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0294.html>> Acesso em 03 jul. 2017.

FILHO, Fernando Bortolletto. Horizontes e dilemas da formação teológica protestante no contexto brasileiro hoje. In: HOCH, Lothar Carlos. STRÖHER, Marga Janete. WALCHHOLZ, Wilhelm. (orgs.). **Estações da formação teológica**: 60 anos de história da EST. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

GREGORY, John Milton. **As sete leis do ensino**. 2ª ed. Trad.: Luciana Alves. Rio de Janeiro: 2008.



KUNZ, Claiton André. **Método histórico-gramatical**: um estudo descritivo. Disponível em: <http://portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/metodo_historico-gramatical.pdf> Acesso em 07 jul. 2017.

LEBAR, Lois E. **Educação que é cristã**. Trad.: James Monteiro dos Reis. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da Religião**, v. 8, n. 1, dez. 2008, p. 68-95. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf> Acesso em 03 jul. 2017.

PEARLMAN, Myer. **Ensinando com êxito na Escola Dominical**. São Paulo: Editora Vida, 1995.

RIBOULET, L. **Manual de Psicologia aplicada à educação**, vol. 2. São Paulo: Editora Coleção F.T.D., 1950.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SILVA, Moisés. KAISER Jr, Walter C. **Introdução à Hermenêutica Bíblica**: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época. Trad.: Paulo César Nunes dos Santos. Tarcízio José Freitas de Carvalho e Suzana Klassen. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

SOUZA, André Ricardo de. **Igreja in concert**: padres cantores, mídia e marketing. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

TULER, Marcos. **Manual do Professor de Escola Dominical**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

VANHOOZER, Kevin J. **Há um significado neste texto?** Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. Trad.: Álvaro Hattner. São Paulo: Editora Vida, 2005.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1994.